

## 1939 – DO ‘PACTO DE AÇO’ À APROXIMAÇÃO GERMANO-SOVIÉTICA

*Winston Churchill*

Aos esforços tentados pelas potências ocidentais para criar uma linha de defesa contra ela, a Alemanha respondia do mesmo modo. No início de Maio, eram estabelecidas negociações, em Como, entre Ribbentrop e Ciano<sup>1</sup>, as quais se concluíram, de uma forma oficial e pública, pelo tratado conhecido por “Pacto de Aço”, que seria assinado, em Berlim, em 22 de Maio, pelos dois ministros dos Negócios Estrangeiros. Esta resposta parecia constituir um desafio ao débil conjunto de garantias britânicas formuladas relativamente à Europa Oriental. Ciano, no seu diário, relata uma conversa com Hitler, ocorrida no momento da assinatura desta aliança:

Hitler declara-se muito satisfeito pelo pacto e confirma que a política mediterrânica será conduzida pela Itália. Interessa-se pela Albânia e demonstra um grande entusiasmo pelo nosso projecto de fazer da Albânia uma praça-forte que, necessariamente, comandaria os Balcãs.<sup>2</sup>

A satisfação de Hitler mostrar-se-ia de forma ainda mais exuberante quando, em 23 de Maio, isto é, no dia seguinte à assinatura do “Pacto de Aço”, se reúne com os chefes de estado-maior. As actas secretas dessa reunião já se encontram publicadas:

Encontramo-nos, neste momento, num estado de fervor patriótico que é partilhado por duas outras nações, a Itália e o Japão. O período que agora terminou foi muito bem aproveitado. Todas as medidas foram tomadas segundo um encadeamento lógico e em harmonia com os nossos objectivos. Os polacos não são um “inimigo suplementar”, uma vez que a Polónia estará sempre do lado dos nossos adversários. Apesar dos tratados de amizade, a Polónia tem sempre a secreta intenção de aproveitar todas as oportunidades para nos prejudicar. Dantzig não é, de maneira nenhuma, o objecto da contestação. Trata-se de estender o nosso espaço vital a Este e de assegurarmos aprovisionamentos. Não temos, por conseguinte, de poupar a Polónia, e iremos tomar a decisão de atacar a Polónia na primeira ocasião favorável. Não podemos contar com a repetição do caso da Checoslováquia. Haverá guerra. A nossa tarefa consiste em isolar a Polónia, e o sucesso deste isolamento será decisivo.

Se não é seguro que um conflito germano-polaco não redunde numa guerra a Oeste, então a luta será dirigida principalmente contra a Inglaterra e a França. Se houvesse uma aliança entre a França, a Inglaterra e a Rússia, contra a Alemanha, a Itália e o Japão, eu seria constrangido a agredir a França e a Inglaterra com alguns golpes decisivos. Duvido que possamos chegar a um entendimento pacífico com a Inglaterra. Temos de nos preparar para o conflito. A Inglaterra vê no nosso desenvolvimento o início de uma hegemonia que a enfraqueceria. A Inglaterra é, portanto, a nossa inimiga e o conflito com ela será uma luta de morte. As bases aéreas da Bélgica e da Holanda devem ser ocupadas pela força. Não se devem ter em qualquer conta as declarações de neutralidade.

Se a Inglaterra tem a intenção de intervir na guerra da Polónia, teremos de ocupar a Holanda com a rapidez de um relâmpago. Precisaremos de definir uma nova linha de defesa em território holandês, até ao Zuiderzê. É uma ideia perigosa imaginar que o conseguiremos por um preço barato, porque essa eventualidade não existe. Teremos de

---

<sup>1</sup> Ministros dos Negócios Estrangeiros da Alemanha e da Itália, respectivamente. (Nota do tradutor)

<sup>2</sup> *Ciano Diary*, p. 90.

‘deitar fogo aos nossos navios’<sup>3</sup> e tudo isto já não é uma questão de justiça ou de injustiça, mas de vida ou de morte para 80 milhões de seres humanos. Em todos os países, as forças armadas ou o governo devem aspirar a uma guerra de curta duração. No entanto, o nosso governo deve também estar preparado para uma guerra com a duração de dez ou quinze anos.

A Inglaterra sabe que a perda de uma guerra significaria o fim do seu poderio mundial. A Inglaterra é a força principal que se ergue contra a Alemanha.

Os próprios ingleses são orgulhosos, corajosos, tenazes, firmes na resistência e dotados de um sentido de organização. Sabem retirar as lições dos factos, possuem o gosto pelo risco e a bravura da raça nórdica. Mas o alemão médio é superior. Se, na primeira guerra mundial, tivéssemos tido mais dois couraçados e dois cruzadores, e se a batalha da Jutlândia tivesse começado pela manhã, a esquadra inglesa teria sido derrotada<sup>4</sup> e a Inglaterra posta de joelhos. Além do ataque de surpresa, é preciso fazer preparativos com vista a uma guerra prolongada e providenciar no sentido de as hipóteses da Inglaterra no Continente serem anuladas. O exército deverá manter as posições necessárias às forças navais e aéreas. Se a Holanda e a Bélgica forem ocupadas com sucesso e solidamente conservadas, se a França for igualmente vencida, estarão reunidas as condições fundamentais para a condução de uma guerra bem-sucedida contra a Inglaterra.<sup>5</sup>

Em 30 de Maio, o ministro dos Negócios Estrangeiros alemão enviava ao seu embaixador em Moscovo as seguintes instruções: “Contrariamente à política anteriormente prevista, decidimos agora empreender negociações firmes com a Rússia soviética.<sup>6</sup>” Enquanto as potências do Eixo cerram fileiras e aceleram os seus preparativos militares, a ligação vital das potências ocidentais com a Rússia tinha sido rompida. A profunda divergência de pontos de vista entre os dois países ficava bem à vista no discurso que o comissário do povo para os Negócios Estrangeiros, Molotov, pronuncia em 31 de Maio, em resposta ao discurso do Sr. Chamberlain, nos Comuns, em 19 de Maio:

Até meados de Abril, afirma ele, o governo dos Sovietes empenhou-se em negociações com os governos inglês e francês, a respeito das medidas a tomar. As negociações iniciadas ainda não foram concluídas. Torna-se evidente, desde há algum tempo, que, se existia um desejo real de criar uma verdadeira frente de países pacíficos contra o crescente perigo de agressão, as seguintes condições mínimas impunham-se de forma imperativa:

- Conclusão, entre a Grã-Bretanha, a França e a URSS, de um pacto eficaz de assistência mútua contra a agressão, pacto de um carácter exclusivamente defensivo.
- Garantia acordada pela Grã-Bretanha, a França e a URSS aos Estados da Europa central e oriental, incluindo, sem excepção, todos os países limítrofes da URSS, contra o ataque de um agressor.
- Conclusão, entre a Grã-Bretanha, a França e a URSS, de um acordo preciso sobre as formas e extensão da ajuda imediata e efectiva que devem prestar entre si, assim como aos Estados beneficiários das suas garantias, na eventualidade de uma agressão.

As negociações tinham conduzido a um impasse de onde parecia ser impossível de sair. Os governos polaco e romeno, embora aceitando a garantia britânica, não estavam dispostos a

---

<sup>3</sup> Expressão que, em termos militares, significa a auto-inviabilização de uma retirada. (Nota do tradutor)

<sup>4</sup> É evidente que Hitler ignorava completamente as circunstâncias da batalha da Jutlândia, que foi, do início até ao fim, um esforço vão da esquadra inglesa para levar a Alemanha a empenhar-se numa acção geral, no decorrer da qual a linha de batalha inglesa, graças à irresistível potência dos seus fogos, não tardaria a impor a decisão.

<sup>5</sup> *Nuremberg Documents*, I, 167-168.

<sup>6</sup> *Nazi-Soviet Relations*, p. 15.

aceitar um empenhamento da mesma ordem da parte do governo russo. Uma tendência análoga prevaleceu num outro sector de igual importância estratégica: os Estados Bálticos. O governo dos Sovietes deu a entender que não aderiria a um pacto de assistência mútua a menos que a Finlândia e os Estados Bálticos fossem incluídos numa garantia geral. Estes quatro países recusavam, agora, semelhante condição, e o seu pavor era tal que a sua recusa parecia ser para durar. A Finlândia e a Estónia afirmaram mesmo que considerariam como um acto de agressão uma garantia que se estendesse a elas sem terem expressado o seu consentimento. No mesmo dia, 31 de Maio, a Estónia e a Letónia assinaram um pacto de não-agressão com a Alemanha. Assim, Hitler penetrava, sem dificuldade, nas frágeis linhas de defesa da coligação que se formara contra ele, com tanta demora e irresolução.

*In Winston Churchill, The Second World War.*

Tradução de David Martelo a partir da versão francesa da obra – *Mémoires sur la deuxième Guerre Mondiale – Vol. I – L’Orage Approche – D’Une Guerre à l’autre – 1919-1939*, Plon, Paris, 1948, pp. 385-388. – Maio de 2021